Mantras no Śivapurāṇa

Ludo Rocher

Abreviações

Embora o Śivapurāṇa tivesse que competir com o *Vāyupurāṇa* por um lugar na lista dos dezoito *mahāpurāṇas*, e, portanto, tenha sido frequentemente relegado à posição de um *upapurāṇa*, ele é um dos textos purânicos mais extensos e menos uniformes. De acordo com várias passagens no próprio *Purāṇa,* o Śivapurāṇa era composto de doze *saṁhitās*. As edições publicadas, no entanto, contêm muito menos que isso. Um conjunto de edições é composto de seis *saṁhitās: Jñāna, Vidyeśvara, Kailāśa, Sanatkumāra, Vāyu ou Vāyavīya,* e *Dharma.* Esse artigo é baseado em um segundo conjunto de edições, muito diferente, com sete *saṁhitās.* O texto do Śivapurāṇa nessas edições é composto da seguinte maneira:

1. *Vidyeśvarasaṁhitā* (ou *Vighneśasaṁhitā*) (25 capítulos)
2. *Rudrasaṁhitā* (ou *Rudreśvarasaṁhitā*)
   - 2.1 *Sṛśṭikhaṇḍa* (20 capítulos)
   - 2.2 *Satīkhaṇḍa* (43 capítulos)
   - 2.3 *Pārvatīkhaṇḍa* (55 capítulos)
   - 2.4 *Kumārakhaṇḍa* (20 capítulos)
   - 2.5 *Yuddhakhaṇḍa* (59 capítulos)
3. *Śatarudrasaṁhitā* (42 capítulos)
4. *Koṭirudrasaṁhitā* (43 capítulos)
5. *Umāsaṁhitā* (ou *Aumasaṁhitā*) (51 capítulos)
6. *Kailāśasaṁhitā* (23 capítulos)
7. *Vāyavīyasaṁhitā* (ou *Vāyusaṁhitā*)
   - 7.1 *Pūrvabhāga* (35 capítulos)
   - 7.2 *Uttarabhāga* (41 capítulos)

Esse texto do Śivapurāṇa*,* portanto, é composto de 457 capítulos. As referências nesse artigo consistirão em três ou quatro figuras: *saṁhitā*, ocasionalmente sua subdivisão (*khaṇḍa* ou *bhāga*), capítulo (*adhyāya*), e verso.

Mantras – em geral: o mantra ou os mantras, e definido especificamente – são onipresentes no Śivapurāṇa. O próprio texto (1.2.66) diz que ele contém “rios de mantras” [apenas “mantras” na tradução inglesa]. Ele alega colocar ordem nos mantras, pois, “enquanto o Śivapurāṇa não fizer seu aparecimento na terra, os mantras estarão em discórdia” (1.2.12) [“Todos os mantras se regozijam em disputas mútuas enquanto o Śivapurāṇa não se propaga amplamente no mundo”]. Na descrição metafórica da carruagem que Viśvakarman preparou para Indra em vista da destruição dos Tripuras, é dito que os mantras são os sinos tilintantes. (2.5.8.17).[1] Na oportunidade da *māhātmya* do *Mahākāla Jyotirliṅga* (4. Cap. 17: A grandeza do *Mahākāla Jyotirliṅga*), o Śivapurāṇa conta a história de um menino, o

[1] A única exceção a isso é o Praṇava (2.5.8.24): [“Praṇava a divindade vêdica constituía o longo chicote de Brahmā”].

filho de um vaqueiro – e o antepassado de Nanda (4.17.68) – que se tornou um devoto de Śiva e que teve êxito em realizar *śivapūjā* "mesmo sem mantras" (4.17.66): ["Sem o uso de mantras ele adorou Śiva e alcançou a felicidade"]. Essa foi, no entanto, a exceção: sob as circunstâncias normais "adorar Hara não é possível sem mantras".[2] "Pois para o culto de Śiva produzir plenamente o resultado desejado ele deve ser acompanhado de mantras".[3]

O Śivapurāṇa ocasionalmente se refere a mantras para deuses diferentes de Śiva. Ele reconhece o culto de diferentes deuses "cada um com seus próprios respectivos mantras" (1.14.23), e menciona "a repetição dos mantras da divindade favorita" (1.14.27). Quando Dhamba, o filho de Vipracitti, fez penitência em *Puṣkara* para ter um filho, ele recitou firmemente o Kṛṣṇamantra (2.5.27.12): ["Ele realizou o Japa do Kṛṣṇa mantra por um longo tempo"]. Em outra parte, o texto anuncia um mantra para o Sol (6.6.38): ["Ele deve recitar o hino ao Deus do Sol... esse produz prazeres mundanos e salvação sempre"], e dedica duas estrofes *upajāti*[4] a ele (6.6.39-40):

sindhūravarṇāya sumaṇḍalāya namo 'stu vajrābharaṇāya tubhyam /
padmābhanetrāya supaṅkajāya brahmendranārāyaṇa kāraṇāya //
saraktacūrṇaṃ sasuvarṇatoyaṃ srakkuṅkumāḍhyaṃ śakusaṃ sapuṣpam /
pradattam ādāya sahemapātraṃ praśastam arghyaṃ bhagavan prasīda //

> [Reverências a você da cor do cinabre, de bom disco usando diamante como ornamento, que tem olhos semelhantes a lótus, de bom lótus e a causa de Brahmā, Indra e Viṣṇu. Ó senhor, tem a bondade de aceitar esse *arghya* sagrado oferecido por mim junto com o pó vermelho, água colorida, guirlanda, cinabre, erva *kuśa*, flores e um vaso dourado].

Em geral, no entanto, o Śivapurāṇa trata, por razões óbvias, dos mantras para Śiva. Muito frequentemente o mantra não é mais especificado. Por exemplo, Andhaka, o filho de Hiraṇyākṣa, oferece diariamente uma parte de seu corpo no fogo *samantrakam* (2.5.44.6). Anasuya molda uma imagem de argila de Śiva *mantreṇa* (4.3.17). Quando Rāma louva Śiva ele é dito ser *mantradhyānaparāyaṇa* (4.31.31). Ocasionalmente, o texto se refere ao *rudrajapa* sem indicar o mantra que é o objeto da recitação.[5] Há boas razões para presumir que, quando um mantra para Śiva permanece indeterminado, o Śivapurāṇa pretende se referir ao *praṇava.*[6] O *praṇava*, de fato, é o mantra que é mais proeminente em todo o texto; ele é mencionado com mais frequência do que qualquer outro mantra, e é o mantra que foi discutido com os maiores detalhes.[7]

---

[2] 4.38.34. Posteriormente na descrição da *śivarātri* é dito que cada objeto oferecido a Śiva deve ser acompanhado pelo seu próprio mantra específico (4.38.48): ["Os diferentes artigos de culto devem ser oferecidos separadamente com seus respectivos mantras"]. Os mantras não são identificados.

[3] 2.1.11.59: ["Um culto realizado com a devida recitação de mantras concede todos os benefícios"]. A certa altura (1.14.41) o texto parece restringir o culto com mantras aos brâmanes: ["O culto conduzido por brâmanes deve ser junto com mantras e por meio de gestos no caso de outros"].

[4] [De métrica mista].

[5] 4.38.18: ["A repetição do Rudra Mantra por meio de Japa"].

[6] Termos como *mūlamantra* (1.25.42; 2.1.13.41), *rudramantra* (2.5.6.7), *rudrajāpya* (3.7.8), etc., provavelmente se referem a ele também.

[7] Em uma ocasião o *praṇava* é antropomorfizado (3.8.33: ["o onipenetrante Praṇava, que embora incorpóreo assumiu uma extensa forma corpórea"]), e feito cantar o louvor a Śiva (vv. 34-35).

O Śivapurāṇa se engaja em várias etimologias do termo *praṇava*, que são de interesse na medida em que lançam luz sobre a visão dos compositores sobre a natureza e a finalidade do mantra. Por exemplo, *praṇava* é o melhor dos barcos (*nava*) para atravessar o oceano; isto é, o *saṃsāra* evoluído a partir de prakṛti (*pra*) (1.17.4). Ou, *praṇava* significa que não há (*na*) difusividade (*pra*) para você (*va*) (1.17.5ab). Ou, *praṇava* é assim chamado porque é o ideal (*pra*) guia (*na*) para *mokṣa* para você (*va*) (1.17.5cd). Ou, *praṇava* é a maneira ideal (*pra*) para eliminar todo o karma daqueles que o recitam e o adoram, libertá-los da *māyā*, e lhes fornecer nova (*nava*) sabedoria divina, ou seja, transformá-los em novas (*nava*) personalidades purificadas (1.17.6-8). Em outro lugar, ele é dito ser o *prāṇa* de todos os seres vivos, todo o caminho de Brahmā até os objetos imóveis (6.3.14).

O Śivapurāṇa distingue duas formas do *praṇava*: o sutil (*sūkṣma*) e o grosseiro (*sthūla*). O primeiro é monossilábico (*ekākṣara*), o último é composto por cinco sílabas (*pañcākṣara*) (1.17.8-9). Na realidade, ambos contêm cinco sílabas (*arṇa*), mas no último essas são "visíveis, manifestadas" (*vyakta*), no primeiro elas não são (*avyakta*) (1.17.9). O *praṇava* sutil é novamente subdividido em dois. O *praṇava* sutil longo (*dīrgha*) que consiste em *a* + *u* + *m* + *bindu* + *nāda*, reside no coração de iogues. O *praṇava* sutil curto (*hrasva*) consiste apenas do som *m*, que representa três coisas: Śiva, sua Śakti, e a união deles. Ele deve ser recitado por aqueles que desejam expiar todos os seus pecados (1.17.12-15). O *praṇava* grosseiro, de cinco sílabas, é composto do nome de Śiva, no caso dativo, precedido pela palavra *namaḥ*; isto é, *namaḥ śivāya* (1.17.33). Outra passagem (1.11.42-43) faz uma distinção adicional em relação a essa fórmula: *namaḥ* deve preceder apenas no caso de brâmanes – ou *dvijas* em geral (?) – ao passo que deve vir após *śivāya* em todos os outros casos; isso também inclui mulheres com a exceção, de acordo com alguns, de mulheres brâmanes.

Dada a sua subdivisão dupla ou tripla, nem sempre é claro a que tipo de *praṇava* o texto se refere quando utiliza o termo.[8] Apenas raramente ele faz uma distinção clara, como acontece quando prescreve OṂ para erigir um *liṅga* em um *pīṭha* [suporte], mas o *pañcākṣaramantra* para preparar uma imagem (*vera*) de Śiva para um festival (1.11.16-18). No entanto, embora o *pañcākṣaramantra* seja citado como o *mantrarāṭ* (6.3.8), e ocasionalmente seja louvado como o melhor[9] e, embora o Purāṇa dedique três capítulos (7.2. Cap. 12-14) à *pañcākṣaramāhātmya*, há numerosas indicações no texto de que o *praṇava* por excelência é o OṂ.[10]

Os componentes do OṂ são mencionados no Purāṇa numa variedade de contextos e por uma variedade de razões. Por exemplo, cada uma das três linhas da marca *tripuṇḍra* é presidida por nove divindades. Elas são (1.24.89-94):

– para a primeira linha: o som *a* (*akāra*), o fogo *gārhapatya*, a terra (*bhū*), dharma (Kālāgnirudropaniṣad: *svātmā*), *rajas*, Ṛgveda, *kriyāśakti, prātaḥ savana*, e Mahādeva;

– para a segunda linha: o som *u* (*ukāra*), o fogo *dakṣiṇa*, *nabhas*, *antarātmā*, *sattva*, Yajurveda, *icchāśakti*, *madhyandinasavana*, e Maheśvara;

– para a terceira linha: o som *m* (*makāra*), o fogo *āhavanīya*, *dyaus*, *paramātmā*, *tamas*, Sāmaveda, *jñānaśakti*, *tṛtīyaṃ savanam*, e Śiva.

---

[8] Por exemplo, quando ele fala sobre Gṛtsamada: "Sozinho ele vagou, devotamente recordando em seu coração Śiva juntamente com o *Praṇava* om". (5.3.63).

[9] 3.39.3: "Repetindo o mantra de cinco sílabas de Śiva, o mais excelente de todos os mantras...".

[10] 1.11.16; 3.42.21; 4.18.22; várias outras passagens a serem citadas mais adiante nesse artigo apontam na mesma direção.

Na discussão dos vários tipos de *liṅgas*, o primeiro, o *liṅga* sutil, é identificado com o *sūkṣma praṇava*; ou seja, OṂ.[11] Além disso, há muitos *liṅgas* grosseiros, dos quais o *sūta* propõe lidar apenas com aqueles feitos de barro. Esses são cinco: *svayambhū*, *bindu*, *pratiṣṭhita*, *cara*, e *guru* (1.18.31). O texto os identifica com *nāda*, *bindu*, *makāra*, *ukāra* e *akāra* do OṂ, respectivamente (1.16.113-114).

O Śivapurāṇa também prevê regras especiais sobre como recitar o OṂ. De acordo com uma passagem, o OṂ deve ser recitado mentalmente (*mānasa*) em caso de *samādhi*, e em voz baixa (*upāṃśu*) em todas as outras vezes (1.11.38). Em outra parte, diz-se que, de acordo com os especialistas sobre os Āgamas, o *japa* mental é a forma mais elevada de recitação, *upāṃśu japa* a forma mediana e o *japa* verbal (*vācika*) a inferior (7.2.14.24). De fato, *upāṃśu japa* é cem vezes mais eficiente que *vācika japa*, *manāsa japa* mil vezes, e *sagarbha japa*, ou seja, *japa* acompanhado de *prāṇāyāma* (7.2.14.30), também cem vezes mais (7.2.14.29); finalmente, *sadhyāna japa* é mil vezes melhor do que *sagarbha japa* (7.2.14.33).[12]

Como vimos anteriormente, o *sthūla praṇava* é composto por cinco sílabas: o nome de Śiva no dativo precedido e, ocasionalmente, seguido por *namaḥ*. Ele é mais comumente citado como o *pañcākṣaramantra*, raramente, mais breve, como *pañcākṣara* ou, com uma variante, *pañcāvarṇa*.[13] Ocasionalmente, o Śivapurāṇa fala de *ṣaḍakṣaramantra* em vez de *pañcākṣaramantra.*[14] Isso é descrito como "a *pañcākṣaravidyā* à qual o *praṇava* é adicionado" (4.20.45) ou, mais detalhado, como "o mantra com o nome de Śiva no caso dativo, precedido por OṂ e seguido por *Namaḥ*" (6.7.38). Embora não seja dado um nome específico, o *ṣaḍakṣaramantra* ocasionalmente é expandido em sete sílabas. O filho adotivo de Pārvatī, Sundarśana, executou a *saṃkalpapūjā* dezesseis vezes com o mantra *oṃ namaḥ śrīśivāya* (4.13.44). Em uma ocasião, Viṣṇu aconselha os deuses e os sábios a recitarem um *śivamantra* ainda mais longo,[15] da seguinte forma: *oṃ namaḥ śivāya śubhaṃ śubhaṃ kuru kuru śivāya namaḥ oṃ*.[16] Exceto pelos simples *śivanāmamantras*, que serão discutidos mais tarde, variantes do *pañcākṣara* ou *ṣaḍakṣaramantra* com outros nomes além de Śiva são raros. Uma dessas exceções é o conselho por Vasiṣṭha para Saṃdhyā recitar o mantra: *oṃ namaḥ śaṅkarāya oṃ* (2.2.5.62-63).

Várias passagens do Śivapurāṇa colocam a recitação de mantras (ou seja, *śivamantras*) em um contexto mais amplo e avaliam seu mérito em comparação com outras formas de adoração. De fato, nas seções dedicadas à *mantramāhātmya*, a recitação de mantras em geral e do *pañcākṣaramantra* ou *ṣaḍakṣaramantra* em particular é exaltada como superior a qualquer outra forma de adoração a Śiva. Mesmo uma única pronunciação do mantra de cinco sílabas é dez milhões (*koṭi*) de vezes melhor do que qualquer forma de *tapas*, ritual, ou *vrata* (7.2.13.11-13). Ou, o *pañcākṣaramantra* é comparado a um *sūtra* – "ele é um *vidhi*, não um *arthavāda*" (7.2.12.21) – sobre o qual todos os outros mantras e todos os outros meios de conhecer Śiva são meros comentários (7.2.12.32-33). Ele é como a semente de uma figueira-de-bengala; embora pequeno, ele tem um potencial enorme e é a fonte de todas as formas de sabedoria (7.2.12.7).

---

[11] 1.18.27: "A primeira forma fálica é o *Praṇava* que realiza todos os desejos".
[12] Para definições dos primeiros três tipos de *japa*, veja 7.2.14.26-28.
[13] Por exemplo: 3.32.16 e 4.38.57.
[14] Por exemplo: 1.20.50; 1.24.27; 2.1.4.65.
[15] Há também uma referência a um mantra de dez sílabas (1.11.48).
[16] 2.5.7.25-26. Para os benefícios desse mantra, veja os versos 40-42.

Em outros contextos, no entanto, nos são apresentados pontos de vista diferentes e mais equilibrados. De acordo com uma passagem (1.15.57), a recitação de mantras e *stotras* constitui "ritual verbal" (*vācikaṃ yajanam*), em contraste com o "ritual físico" (*kāyikaṃ yajanam*), que é característico das peregrinações, *vratas*, etc. Outros textos, voltados mais diretamente para o culto a Śiva, listam mantras como um dos seus elementos, junto com o uso de cinzas sagradas e culto ao *liṅga* (1.24.27). Quanto ao valor relativo desses e de outros elementos da adoração a Śiva, o Śivapurāṇa nos informa que, o objetivo final sendo *mokṣa*, usar *rudrākṣas* realiza um quarto disso, usar cinzas a metade, recitar mantras três quartos; somente adorar o *liṅga* e os devotos de Śiva realiza tudo (1.16.115-16). Em um capítulo sobre *tapas*, em que *tapas* é proclamado como o único caminho para alcançar seus objetivos (5.20.9), é dito que *japa* é uma parte do *sāttvikatapas* (5.20.11,15);[17] esse é o domínio dos deuses e *yatīnām ūrdhvaretasām*, e traz todos os resultados desejados (*aśeṣaphalasādhana*).

Em uma ocasião, a recitação de mantras (*mantroccāraṇa*), junto com *dhyāna* e *aṣṭāṅgabhūsparśana*, é uma forma de *vandana*, um dos nove *aṅgas* de *bhakti*[18]. Um papel ainda mais subordinado é atribuído à recitação de mantras na história do *vaiśya* Supriya que, enquanto estava na prisão, ensinou (4.29.45) aos seus companheiros de prisão o Śiva mantra e a adoração aos ídolos. O próprio líder adorou o ídolo (4.29.48), alguns se empenharam em *dhyāna* ou *mānasī pūjā* (4.29.47); somente aqueles que não sabiam melhor recitaram o mantra *namaḥ śivāya* (4.29.49).

Uma passagem insiste que usar os *rudrākṣas* sem recitar mantras não é apenas inútil, mas leva à residência em um inferno terrível pela duração de quatorze Indras (1.25.83). Por outro lado, aquele que usa a *tripuṇḍra* automaticamente possui todos os mantras (1.24.64-65). Recitar mantras é uma das coisas, junto com *dhyāna*, etc., que é inútil sem a *tripuṇḍra*.[19] Contudo, mantras têm que ser usados quando alguém é incapaz de cobrir (*uddhūlana*) todo o corpo; ele deve então aplicar a *tripuṇḍra* na cabeça com *namaḥ śivāya*, nos lados com *īśābhyāṃ namaḥ*, nos antebraços com *bījābhyāṃ namaḥ*, na parte inferior do corpo com *pitṛbhyāṃ namaḥ*, na parte superior com *umeśābhyāṃ namaḥ*, e nas costas e na parte de trás da cabeça com *bhīmāya namaḥ* (1.24.113-116).

Um aspecto importante da recitação de mantras, que é enfatizado repetidamente no Śivapurāṇa*,* é o benefício de repetição múltipla (*āvṛtti*). Durante a sua penitência, Arjuna fica sobre um pé, concentra seu olhar no sol, e "repete continuamente" (*āvartayan sthitaḥ*) o mantra de cinco sílabas (3.39.2).

O benefício a ser obtido de um mantra aumenta em proporção direta ao número de vezes que ele é recitado. Uma passagem enumera os benefícios crescentes do *mṛtyuṃjayamantra*, de um *lakh* de repetições até um milhão (2.1.14.23-24). Da mesma forma, quando um mantra é recitado como expiação, o número de repetições necessárias é proporcional à gravidade do pecado cometido: por omitir uma *saṃdhyā* por um dia o texto prescreve cem *gāyatrīs*, cem mil por omiti-la por até dez dias; se alguém a negligencia por um mês até o *gāyatrī* é insuficiente, e ele tem de passar por uma nova *upanayana* (1.13.30-31).

Uma cifra mencionada muitas vezes para a repetição de mantras é um ou mais *koṭis* "um crore, dez milhões". Depois de repetir um *koṭi* de vezes o mantra *oṃ*

---

[17] O texto distingue três tipos de tapas: *sāttvika, rājasa, e tāmasa*.

[18] 2.2.23.31. Os nove *aṅgas* são *śravaṇa, kīrtana, smaraṇa, sevana, dāsya, arcana, vandana, sakhya*, e *ātmārpaṇa* (2.2.23.22-23). Sobre os dezesseis tipos de *pūjā*, veja 1.11.26-29.

[19] 1.24.79. Compare com 1.24.22.

namaḥ śivāya śubhaṃ śubhaṃ kuru kuru śivāya namaḥ om, supõe-se que Śiva faz o que ele é solicitado a fazer (2.5.7.26: *śivaḥ kāryaṃ kariṣyati*).[20] Por repetir o *pañcākṣaramantra* um, dois, três, ou quatro *koṭis* de vezes alguém alcança "os mundos de Brahmā, etc.", mas cinco *koṭis* tornam o devoto igual a Śiva (1.11.43-44).

Outro número prescrito para a repetição de mantras é 108 (2.1.14.44; 6.8.32). Mais especificamente, durante a *śivarātri* o mantra deve ser repetido 108 vezes durante seu primeiro período de três horas (*yāma*); esse número deve ser duplicado durante o segundo *yāma*, quadruplicado durante o terceiro, e oito vezes 108 mantras devem ser recitados no quarto.[21] Ocasionalmente, o número 108 é substituído por sua variante, 1008. Quando o *sūta* se senta com os sábios ele recita o mantra de cinco sílabas 1008 vezes.[22]

O texto também indica a maneira na qual o número de mantras deve ser contado, usando diferentes tipos de objetos para manter o controle das unidades, dezenas, centenas, etc., até *koṭis* (7.2.14.34-36).

O Śivapurāṇa segue o padrão geral de que "os mantras relativos aos deuses representam sua essência – eles são em um sentido identificáveis com eles".[23] Ao longo do texto o Śivapurāṇa expressa de diversas maneiras a ideia de que Śiva é o *praṇava* ou que o *praṇava* é Śiva.

Viṣṇu se dirige a Śiva: *oṃkāras tvam* (2.2.41.14); Brahmā presta homenagem a Śiva: *oṃkārāya namas tubhyam* (2.5.11.14). Em um longo louvor para mostrar que Śiva é superior em cada categoria, os deuses listam o fato de que entre os *bījamantras* ele é o *praṇava* (2.5.2.43: *praṇavo bījamantrāṇām*). Qualquer devoto deve perceber que Śiva é idêntico ao *praṇava* (6.6.29: *praṇavaṃ ca śivaṃ vadet*). O próprio Śiva declara que o *praṇava* é *madrūpam* (6.3.3), e Arjuna assume esplendor inigualável *mantreṇa madrūpeṇa* (3.38.1). Śiva é *oṃkāraramayaṃ*... *pañcākṣaramayaṃ devaṃ ṣaḍakṣaramayaṃ tathā* (6.7.62-63); ele é *praṇavātamā* (6.12.20) ou *praṇavātmaka* (6.9.23); ele é *śabdabrahmatanu* (2.1.8.13.41); etc.

O *praṇava*, no entanto, não é sempre idêntico a Śiva. Ocasionalmente é dito que Śiva é *praṇavārtha* "a significação do *praṇava*" (6.1.17; 6.12.6). A mesma ideia pode ser também expressa de diferentes formas: Śiva é dito ser *vācya*, o *praṇava* sendo *vācaka*;[24] ou o *praṇava* é *abhidhāna*, Śiva sendo *abhidheya* (7.2.12.19).

De acordo com uma passagem o *om* surgiu de Śiva: "*Om* nasceu das bocas de Śiva. O som *a* saiu primeiro da boca do norte, *u* da boca do oeste, *m* da sua boca do sul; o *bindu* veio a seguir da sua boca do leste, e o *nāda* da sua boca central. O resultado desse 'bocejo' (*vijṛmbhita*) quíntuplo foi então transformado em um sob a forma de uma única sílaba *om*" (1.10.16-19).

O *Śivamantra* é secreto; só Śiva o conhece (1.18.158). Portanto, é natural que, como anunciado pelo *sūta* no início do Purāṇa,[25] o próprio Śiva o revelasse para Devī na Kailāsasaṃhitā (6.3.1 e seg.). Śiva também ensinou o mantra para Brahmā e Viṣṇu (1.10.25-26) e os aconselhou a recitá-lo "para adquirirem conhecimento dele" (1.10.15).

De modo mais geral, Śiva revela o *praṇavārtha* para aqueles com quem ele está satisfeito (6.2.1-2). Um daqueles que desfrutaram desse privilégio era o *sūta*; quando os sábios se informaram com ele sobre a *praṇavasya māhātmyam*, ele

---

[20] Compare com 2.5.6.7-8; 1.25.58; 4.14.40.
[21] 4.38.50. Para os sucessivos múltiplos de 108, veja os versos 63, 67, 73.
[22] 1.11.46; 6.10.13 e também em 6.10.23.
[23] J. Gonda 1963b, 274.
[24] Por exemplo: 1.10.17; 6.3.20 e 6.11.47-48.
[25] 1.2.37. Em uma ocasião, no capítulo sobre *saṃnyāsamaṇḍalavidhiḥ* (6, capítulo 5) a função de "iluminar, manifestar" o *praṇavārtha* é transferida para o *yantra* no pericarpo do *maṇḍala* (6.5.9).

responde que ele realmente a conhece, *śivasya kṛpayaiva* (1.7.2). A razão pela qual o *sūta* é um "devoto afortunado" (*dhanyaḥ śivabhaktaḥ*) é explicada em outras partes do texto: Śiva é o *praṇavārtha*; os Vedas vieram do *praṇava*; os Purāṇas explicam o significado dos Vedas; e o suta é o *paurāṇika* supremo (6.1.16-17).

Os *Śivamantras* devem ser aprendidos por intermédio de um guru (2.1.13.73-74); o mantra é *gurudatta* (1.20.53). Como resultado, um discípulo é o *mantraputra* do seu guru. O mantra é o sêmen que brota da língua do guru (o pênis) e é depositado no ouvido do discípulo (a *yoni*). O pai natural traz o filho para o *saṃsāra*; o *bodhakaḥ pitā* o ajuda a sair dele (*saṃtārayati saṃsārat*) (1.18.90-92). A obtenção de um mantra envolve uma iniciação, *mantradīkṣā*.[26] Uma passagem (7.2.14.1-23), na qual a iniciação é citada como *puraścaraṇa* (v.16; compare com o v. 18: *pauraścaraṇika*), descreve com riqueza de detalhes todo o procedimento, desde o momento em que alguém se aproxima de um professor até a aquisição e recitação do mantra.

O Śivapurāṇa, no entanto, também prevê a eventualidade de que nenhum mantra seja "dado" por um professor: nesse caso, o *gurudattamantra* pode ser substituído por *nāmamantras* (4.38.51). O nome de Śiva, em vez dos nomes, é muito proeminente no Śivapurāṇa. O texto contém um capítulo (4, capítulo 35) enumera um pouco mais de mil nomes de Śiva (*śivasahasranāmavarṇanam*), seguido por outro capítulo (Capítulo 36) enumerando os benefícios da sua recitação, incluindo cem vezes mais por reis em perigo (4.36.22). Em algumas ocasiões, o Purāṇa prescreve muito vagamente a recitação de "múltiplos *nāmamantras*" (4.13.46). O *nāmamantra* para ser recitado como um substituto para o *gurudattamantra*, no entanto, também pode ser mais preciso; ele consiste na recitação de oito nomes de Śiva, no caso dativo, precedidos por *śrī: śrībhavāya śrīśarvāya śrīrudrāya śrīpaśupataye śryugrāya śrīmahate śrībhīmāya śrīśānāya* (4.38.53-55).

O Śivapurāṇa também compõe os seus próprios *Śivamantras*. Em várias ocasiões, o texto apresenta passagens dizendo que se deve "convidar" ou "orar a" Śiva "com o seguinte mantra(s)".[27] Eventualmente, esses "mantras" não contêm nada mais que a fórmula *oṃ namas te* seguida por uma série de nomes ou atributos de Śiva, no caso dativo.[28] É claro que, nesses casos, a linha divisória entre um *Śivamantra* e um *Śivastotra* – muitas passagens são assim introduzidas no Purāṇa – tornou-se vaga, se não inexistente. Em um caso, o texto diz explicitamente: "Que o sábio reze para Śiva, louvando-o com o seguinte mantra".[29]

No entanto, quaisquer outros *Śivamantras*, e mantras para outros deuses, que possam existir, como eu indiquei anteriormente, o Śivapurāṇa não deixa dúvidas de que o *praṇava* reina supremo.[30] Na passagem citada antes, na qual os mantras geralmente são descritos como os sinos da carruagem de Śiva, só o *praṇava* é apontado para uma função diferente e especial: ele serve Brahmā, que é o condutor do carro, como seu chicote (2.5.8.24). De fato, ele é tão importante que até a

---

[26] 1.11.40. Em 6.2.12, Pārvatī pede a Śiva: "Ó Senhor, por favor, me faça imergir no princípio do Ātman puro por me iniciar devidamente nos mantras"; e "Śiva recitou mantras *praṇava* e outros na ordem apropriada após iniciá-la devidamente" (6.2.15).

[27] 1.20.55, mantra: vv. 56-60; 2.1.13.47, mantra: vv. 47-53; 2.1.13.67: mantra: vv. 68-69; 2.1.13.76: mantra: vv. 77-80.

[28] Por exemplo, o mantra que Śukra recita para encontrar uma maneira de escapar depois de ter sido engolido por Śiva, (2.5.48.40-41). O mantra longo é citado antes do primeiro verso do capítulo 49, o mais curto em 6.6.42.

[29] 4.38.77, mantras: vv. 78-81. Para o uso do gerúndio meramente como um modificador do verbo principal, veja Ludo Rocher, "A Note on the Sanskrit Gerund," *Recherches de linguistique. Hommages à Maurice Leroy* (Bruxelas: Université Libre, 1980), pp. 181-88.

[30] 1.19.11; 7.2.12.30; 7.2.12.35.

residência de Śiva no cume do Monte Kailāsa é *praṇavākāra* "na forma do *praṇava*" (1.6.23).[31]

Nem é preciso dizer que a recitação dos *Śivamantras* é benéfica. Aquele que recita o nome de Śiva é considerado versado nos Vedas, virtuoso, rico e sábio (1.23.25), é capaz de ver Śiva e obtém um filho igual em força a ele próprio (5.3.7). Seu rosto se torna um *tīrtha* purificador que apaga todos os pecados; mesmo alguém que olha para ele ganha o mesmo benefício como se estivesse a visitar um *tīrtha* (1.23.7-8). Mais especificamente, já que Śiva é idêntico ao mantra, a recitação de *Śivamantras* resulta em trazer Śiva para o próprio corpo (1.17.132-134). Śiva sendo o *praṇavārtha* também, o mesmo resultado obtém-se por ouvir a explicação do *Śivamantra* (6.3.1-2).

Um resultado mais interessante de recitar *Śivamantras* refere-se a mulheres brâmanes, *kṣatriyas*, *vaiśyas*, e até mesmo *śūdras*. Os *Śivamantras* são capazes de alterar drasticamente o seu status – presumivelmente em uma existência futura, embora o texto não diga isso explicitamente. Se uma mulher brâmane aprende o *pañcākṣaramantra* de um guru e o recita 500.000 vezes, ela obtém longevidade; por recitá-lo mais de 500.000 vezes ela se torna um homem e, finalmente, obtém a libertação. Por recitar o mantra 500.000 vezes, o *kṣatriya* se livra da sua condição de *kṣatriya*, e outras 500.000 recitações fazem dele um brâmane, abrindo assim a possibilidade de libertação. Se um *vaiśya* recita duas vezes 500.000 mantras ele se torna um *mantrakṣatriya*, e, através da mesma quantidade de recitações feitas mais uma vez, um mantrabrâmane. Da mesma forma o *śūdra* atinge *mantravipratva* e torna-se um *śuddho dvijaḥ* por recitar o mantra 2.500.000 vezes.[32] Em outra parte do texto é dito que até um intocável, se ele se tornar um devoto de Śiva, será libertado por recitar o mantra de cinco sílabas.[33]

Eu me volto agora para outro aspecto importante e onipresente do Śivapurāṇa: a sua relação com os Vedas em geral e com os mantras vêdicos em particular. Eu mencionei anteriormente que os Vedas "surgiram do *praṇava*" (6.1.17).[34] Assim, eles também surgiram do próprio Śiva; ele e o mantra são descritos como *vedādi* (6.3.19-20). Da mesma forma, o *praṇava* é *vedasāra*, *vedāntasārasarvasva*, etc. (6.3.3; 1.5.16; 6.1.45). Ele também é descrito como *atharvaśirasa* (5.3.10) e assim como qualquer outro mantra vêdico ele tem um *ṛṣi*, Brahmā; um *chandas*, *gāyatra*; e um *devatā*, Śiva (6.6.61).

Mantras vêdicos em geral são mencionados repetidamente no Śivapurāṇa.[35] O próprio Śiva canta *sāmans* (2.5.46.21). Os deuses trazem Gaṇeśa de volta à vida pela aspersão de água sobre ele recitando *vedamantras* (2.4.17.54-55). O *jātakarma* de Gṛhapati, uma encarnação de Śiva, é realizado por Brahmā "recitando a *smṛti* e saudando-o com as bênçãos dos quatro Vedas" (3.14.25-26). Depois que o pênis de Śiva caiu na Devadāruvana, um vaso teve que ser abordado "com mantras vêdicos".[36] *Tat tvam asi* é dito ser o próprio *mahāvākya* de Śiva (2.1.8.49).

---

[31] Há duas exceções, no entanto, à identificação total – e exclusiva – de Śiva com o *praṇava*. Primeira, uma adoração a Skanda começa: "Om, reverências ao significado do *Praṇava*, ao intérprete do *Praṇava*, à *Bīja* das letras do *Praṇava*", (6.11.22). Segunda, deve-se honrar Gaṇeśa: "repetindo seus nomes terminando no caso dativo aposto com *Namaḥ* e prefixado com *Praṇava*" (2.1.13.29).

[32] 1.17.122-128. Dentro do sistema de libertação de um status prévio primeiro e depois adquirir um status mais elevado, cada vez com 500.000 mantras, um *śūdra* deve chegar a *mantravipratva* após 3.000.000 em vez de 2.500.000 mantras.

[33] 7.2.13.7; 7.3.13.10 acrescenta que o mantra tem que ser o *pañcākṣaramantra;* qualquer outro mantra é inútil.

[34] Compare com 1.10.23.

[35] Por exemplo: 2.1.11.60-65.

[36] 4.12.35, compare com o verso 37.

Um texto é mencionado especificamente e pelo título. A marca *tripuṇḍra* deve ser colocada na testa *jābālakoktamantreṇa* (1.13.21).[37] Mais explicitamente, os membros de todos os *varṇas* e *āśramas* devem aplicar a *tripuṇḍra* "com sete mantras da Jābālopaniṣad, começando com 'Agni'".[38] Os sete mantras mencionados aqui aparecem no primeiro capítulo da Bhasmajābālopaniṣad*:*

agnir iti bhasma
vāyur iti bhasma
jalam iti bhasma
sthalam iti bhasma
vyometi bhasma
devā bhasma
ṛṣayo bhasma.

O Purāṇa refere-se novamente à mesma Upaniṣad sobre o assunto dos *śivavratas*: eles são numerosos, mas dez deles são particularmente importantes, "como ensinado pelos especialistas na Jābālaśruti" (4.38.9-10).

Um mantra, *ā vo rājānam*, é explicitamente identificado como um *ṛc* (6.8.15). Ele corresponde ao ṚV 4.3.1:

ā vo rājānam adhvarasya rudraṃ hotāraṃ satyayajaṃ rodasyoḥ /
aghnim purā tanayitnor acittād dhiraṇyarūpam avase kṛṇudhvam //

[“Atraiam Rudra cá para sua proteção, o rei do sacrifício, o Hotṛ verdadeiramente sacrificante dos dois mundos, Agni o de cor dourada, antes que o raio invisível (os atinja)”. – Oldenberg].

Nós, portanto, podemos supor[39] que os outros dois mantras citados no mesmo contexto também são considerados como *ṛcs*. Eles são para invocar Viṣṇu, *pra tad viṣṇuḥ;* isto é, ṚV 1.154.2:[40]

pra tad viṣṇu stavate vīryeṇa mṛgho na bhīmaḥ kucaro ghiriṣṭhāḥ /
yasyoruṣu triṣu vikramaṇeṣvadhikṣiyanti bhuvanāni viśvā

[“Viṣṇu é, portanto, glorificado, que por sua bravura é como uma fera temível, voraz e que frequenta montanhas, e porque em seus três passos todos os mundos habitam”. – Wilson].

e, para invocar Brahmā, *hiraṇyagarbhaḥ samavartata;* isto é, ṚV 10.121.1:[41]

hiraṇyagharbhaḥ samavartatāghre bhūtasya jātaḥ patirekaāsīt /
sa dādhāra pṛthivīṃ dyāmutemāṃ kasmai devāyahaviṣā vidhema

[“No início surgiu Hiraṇyagarbha, nascido como o único Senhor de todos os seres criados. Ele fixou e sustenta essa terra e o céu. Qual Deus nós adoraremos com a nossa oblação?” – Griffith. A última frase, o refrão do hino, Wilson traduz: “Vamos oferecer adoração com uma oblação ao divino Ka”].

---

[37] Compare com 1.24.49.
[38] 1.24.8; 6.3.60.
[39] Mesmo que, diferente do RV 4.3.1, esses também ocorram em outras fontes possíveis.
[40] 6.8.17.
[41] 6.8.19.

Contudo, deve-se notar que o Śivapurāṇa também declara como *ṛcs* mantras que não ocorrem no Ṛgveda;[42] nesse caso o termo *ṛc* parece alternar livremente com *mantra*.

Em um ponto, na descrição do *śrādddha*, o texto indica que o ritual, e, portanto, os mantras a serem recitados no decorrer do mesmo, podem ser realizados "de acordo com o próprio gṛhyasūtra do indivíduo" (6.12.76).

Alguns dos mais importantes mantras "vêdicos" citados no Śivapurāṇa sem referência a uma fonte ou sem um termo genérico podem ser mais bem tratados e identificados individualmente, em ordem alfabética.

AGHORAMANTRA[43]

Mencionado em conexão com a aplicação da *tripuṇḍra*[44] e uso do *rudrākṣa*.[45]
Ocorrências únicas:[46] MS 2.9.10; TĀ 10.45; MahāU 17.3 (## 282-283):

aghorebhyo 'tha ghorebhyo aghoraghoretarebhyaḥ /
sarvataḥ śarvaḥ sarvebhyo namaste rudra rūpebhyaḥ

[“Eu reverencio aquelas que não são terríveis e aquelas que são terríveis, E aquelas que são ao mesmo tempo terríveis e não terríveis. Em todos os lugares e sempre, Śarva, eu reverencio todas as Tuas formas de Rudra”].

O texto também se refere às cinzas como *aghorāstrābhimantrita*, que Upamanyu usa em um esforço para matar Indra; a pedido de Śiva, Nandi intercepta a *aghorāstra* em voo (3.32.40-43).

ĪŚĀNAḤ[47] SARVAVIDYĀNĀM

Śiva afirma que "os mantras *īśānaḥ sarvavidyānām*, etc." vieram dele (6.3.19). O mantra estabelece Śiva como o "criador" e "senhor" dos Vedas.[48] Ele também é citado em ligação com a *tripuṇḍra* (1.24.37) e o *rudrākṣa* (1.25.40).

Ocorrências únicas: TĀ 10.47.1; MahāU 17.5 (## 285-286); NpU 1.6:

īśāna sarvavidyānāmīśvaraḥ sarvabhūtānāṁ brahmādipati brahmaṇo'dhipatir /
brahmā śivo me astu sa eva sadāśiva om //

[“Soberano de todo conhecimento, mestre de todos os seres,
Comandante de todo estudo e devoção,
Esse Deus auspicioso para mim,
Que Ele seja exatamente assim, o Sempre-Auspicioso Om”].

---

[42] Por exemplo: 1.20.24,27,29,32.
[43] Sobre o nascimento de Śiva como Aghora, veja 3.1.26.
[44] 1.18.62; 1.24.36.
[45] 1.25.40; 1.25.41 se refere a *aghorabījamantreṇa*, não especificado.
[46] Ou seja, até onde elas estão listadas em (*A Vedic Concordance* de) Bloomfield (1906).
[47] Sobre a manifestação de Śiva como Īśāna, veja 3.1.33.
[48] Compare com 4.42.23.

GṆĀNĀṂ TVĀ [GHAṆĀNĀṂ TVĀ]

Esse *pratīka*, citado para convidar Gaṇeśa (6.7.15) pode se referir à invocação bem conhecida de Gaṇeśa, que aparece pela primeira vez no Ṛgveda (ṚV 2.23.1), dirigido lá a Bṛhaspati, e foi repetido em toda a literatura vêdica:

ghaṇānāṃ tvā gaṇapatiṃ havāmahe kaviṃ kavīnām upamaśravastamam /
jyeṣṭharājaṃ brahmaṇāṃ brahmaṇaspata ā naḥ śṛṇvann ūtibhiḥ sīda sādanam

[“Nós te chamamos, Senhor, e Líder dos exércitos celestiais, o sábio entre os sábios, o mais famoso de todos, o Rei supremo das preces, ó Brahmaṇaspati, ouve-nos com auxílio; senta-te no lugar de sacrifício”. – Griffith].

No entanto, em vista do fato de que essa estrofe está ausente do TĀ e da MahāU, o *pratīka gaṇānāṃ tvā* no Śivapurāṇa pode se referir, antes, a um mantra que aparece na VtU 1.5:

gaṇānāṃ tvā gaṇanāthaṃ surendraṃ kaviṃ kavīnām atimedavigraham /
jyeṣṭharājaṃ vṛṣabhaṃ ketum ekam ā naḥ śṛṇvann ūtibhiḥ sīda śaśvat

GĀYATRĪ

Quando o texto alude a "recitar o *gāyatrī*"[49] (1.24.43; compare com 1.13.26,30), nem sempre fica claro se a referência é ao *gāyatrī* rigvêdico (ṚV 3.62.10) ou ao *śivagāyatrī*, ao qual também há referências explícitas (1.20.19: *rudragāyatrī*; 3.1.19: *gāyatrīṃ śāṅkarīm*). Esse último é conhecido do TĀ 10.1 em diante:

tat puruṣāya vidmahe mahādevāya dhīmahi /
tan no rudraḥ pracodayāt

Um "*gāyatrī* de dezesseis sílabas" (4.13.43) presumivelmente se refere a uma forma abreviada desse. Pelo menos uma vez, o Śivapurāṇa tem Skanda invocado com um *skandagāyatrī* (6.7.19-21) que é conhecido unicamente da MahāU (3.5 é # 75):

tat puruṣāya vidmahe mahāsenāya dhīmahi /
tan naḥ ṣaṣṭhaḥ [ou *ṣaṇmukhaḥ*] *pracodayāt*

GAURĪR MIMĀYA

Citado para convidar a Devī (6.7.64-65), este é um mantra conhecido, do ṚV 1.164.41 em diante:

[49] Compare com a etimologia de *gāyatrī*, 1.15.16: “A palavra Gāyatrī significa aquilo que salva o recitador da queda”.

gaurī(r) mimāya salilāni takṣatī ekapadī dvipadī sā catuṣpadī /
aṣṭāpadī navapadī babhūvuṣī sahasrākṣarā parame vyoman

[“O som (das nuvens) foi proferido, fabricando as águas, e tendo um pé, dois pés, quatro pés, oito pés, nove pés, ou infinitos no mais alto céu”. – Wilson].

CAMAKASŪKTA

Esse é um dos *sūktas* para ser recitado durante *śrāddha*. Um *camakasūkta* aparece nas *saṃhitās* da maioria das *śākhās* do Yajurveda (VS 18.1-26; TS 4.7.1-11; MS 2.11.2-5; KS 18.7-12; etc.):

vājaś ca me prasavaś ca me prayatiś ca me prasitiś ca me dhītiś ca me kratuś ca me svaraś ca me ślokaś ca me ślokaś ca me sravaś ca me śrutiś ca me jyotiś ca me svaś ca me yajñena kalpantām. Etc., etc.

TAT PURUṢA

Esse é para ser recitado enquanto se coloca *rudrākṣas* na orelha (1.25.40); equivalente ao *rudragāyatrī:*

tatpuruṣāya vidmahe mahādevāya dhīmahi
tanno rudraḥ pracodayāt

[“’Nós sabemos isso para (alcançar o) Ser. Que possamos meditar para (alcançar) a Grande Divindade. Que Rudra nos estimule a Isso’].

[Mas note que Kauṇḍinya considera que a última linha significa: “Que Rudra estimule aqueles (poderes de cognição e ação) para nós”. – Christopher Daren Wallis].

[Outra tradução seria: “Que possamos conhecer aquele Ser Supremo e mediar naquele Grande Deus, que Rudra nos estimule!”]

TRYAMBAKA

Esse mantra é prescrito para um *vaiśya* e um *brahmacārin*, durante a aplicação da *tripuṇḍra* (1.24.34-35). É um mantra bem atestado, do ṚV 7.59.12 em diante:

tryambakaṃ yajāmahe sugandhiṃ puṣṭivardhanam /
urvārukam iva bandhanān mṛtyor mukṣīya māmṛtāt

> [“Nós adoramos Tryambaka, doce aumentador de prosperidade. Como do seu caule o pepino, desse modo que eu possa ser libertado da morte, não privado da imortalidade”. – Griffith].

Compare com *mṛtyuṃjaya*.

TRYĀYUṢA

Esse é mencionado não explicitamente como um mantra, mas em conexão com a colocação das cinzas (1.24.19). É um verso bem atestado, do AV 5.28.7 em diante:

> *tryāyuṣaṃ jamadagneḥ kaśyapasya tryāyuṣam* /
> *yad deveṣu tryāyusam tan no astu tryāyuṣam*

> [“Três vidas de Jamadagni, três vezes a força vital de Kaśyapa, três visões de imortalidade, três vidas preparei para ti”. – Griffith].

PAÑCABRAHMA

Esse mantra é citado nos capítulos sobre a *tripuṇḍra* (1.24.35; 1.25.42) e *rudrākṣa* (6.12.18). Veja em *sadyojāta*.

PURUṢASŪKTA

Esse é listado entre os mantras para serem recitados durante *jaladhārā* (ou *dhārāpūjā*): *sūktena pauruṣeṇa vā* (2.1.14.69; compare com 6.12.68: *pauruṣaṃ sūktam*). Em uma passagem (2.5.56.27), o *asura* Bāṇa louva Śiva com um *śloka* que lembra o ṚV 10.90.12:

> *brāhmaṇaṃ te mukhaṃ prāhur bāhuṃ kṣatriyam eva ca* /
> *ūrujaṃ vaiśyam āhus te pādajaṃ śūdram eva ca*

> [“O brâmane era sua boca, de ambos os seus braços o *rājanya* foi feito. Suas coxas se tornaram o *vaiśya*, de seus pés o *śūdra* foi produzido”. – Griffith].

BHAVE BHAVE NĀTIBHAVE

A sequência que começa com esse mantra, como parte do *praṇavaprokṣaṇa*, faz uso, em detalhes (6.7.72-76) de seções de uma sequência mais longa, para a qual veja a lista sob *sadyojāta*. Ele corresponde ao TĀ 10.43-44, MahāU 17.1-2 (## 278-280).

MĀ NAS TOKE

Esse mantra é citado em conexão com a *tripuṇḍra*, para brâmanes e *kṣatriyas* (1.24.33). É um mantra frequentemente citado do ṚV 1.114.8 em diante:

mā nastoke tanaye mā na āyau (ou āyuṣi) mā no goṣu mā no aśveṣu rīriṣaḥ / vīrān mā no rudra bhāmito vadhīr haviṣmanto sadam it tvā havāmahe (ou namasā vidhema te).

[Não nos prejudiques, Rudra, em nossa semente e descendência, não nos prejudiques no sustento, nem em vacas ou corcéis, não mates nossos heróis na fúria da tua ira. Sempre trazendo oblações nós chamamos a ti. – Griffith].

MṚTYUṂJAYA [OU MṚTYUÑJAYA]

O *mṛtyuṃjayamantra* (2.2.38.21; 2.5.49.42), também chamado *mṛtasaṃjīvanīmantra* (2.2.38.30), *mṛtyuṃjayavidyā* (2.2.38.20), *mṛtajīvanī vidyā* (2.5.15.47), ou *mṛtasaṃjīvanī vidyā* (2.5.50.41), é citado várias vezes no Śivapurāṇa. Além das referências gerais,[50] é dito que o mantra foi composto pelo próprio Śiva (2.5.50.41) que o entregou a Śukra, o preceptor dos Daityas (2.5.50.42). Śukra, portanto, tornou-se o *mṛtyuṃjayavidyāpravartaka* (2.2.38.20); ele o usou para reviver os Asuras (2.5.15.47) e os Daityas e Dānavas (2.5.47.33-34). Śukra também revelou a Dadhīca o *mahāmṛtyuṃjaya [ou Mahāmṛtyuñjaya] mantra* (2.2.38.22-29):

tryambakaṃ yajāmahe[51] *ca trailokyapitaraṃ prabhum /*
trimaṇḍalasya pitaraṃ triguṇasya maheśvaram //
tritattvasya trivahneś ca tridhābhūtasya sarvataḥ /
tridivasya tribāhoś ca tridhābhūtasya sarvataḥ //
tridevasya mahādevaḥ sugandhiṃ puṣṭivardhanam /
sarvabhūteṣu sarvatra triguṇeṣu kṛtau yathā //
indriyeṣu tathānyeṣu deveṣu ca gaṇeṣu ca /
puṣpe ṣugandhivat sūraḥ sugandhirameśvaraḥ //
puṣṭiś ca prakṛter yasmāt puruṣād vai dvijottama /
mahadādiviśeṣāntavikalpaś cāpi suvrata //
viṣṇoḥ pitāmahasyāpi munīnāṃ ca mahāmune /
indriyaś caiva devānāṃ tasmād vai puṣṭivardhanaḥ //
taṃ devam amṛtaṃ rudraṃ karmaṇā tapasāpi vā /
svādhyāyena ca yogena dhyānena ca prajāpate //
satyenānyena sūkṣmāgran mṛtyupāśād bhava svayam /
bandhamokṣakaro yasmād urvārukam iva prabhuḥ //

[O *Liṅga Purāṇa* (1.35.18-25) tem uma leitura levemente diferente:

triyaṃbakaṃ yajāmahe trailokyapitaraṃ prabhum /
trimaṇḍalasya pitaraṃ triguṇasya maheśvaram //
tritattvasya trivahneś ca tridhābhūtasya sarvataḥ /
trivedasya mahādevaṃ sugandhiṃ puṣṭivardhanam //

[50] 1.25.60; 2.1.14.22; 4.14.39-40.
[51] Para vários termos nesse mantra, veja sob *tryambaka*.

sarvabhūteṣu sarvatra triguṇe prakṛtau tathā /
indriyeṣu tathānyeṣu deveṣu ca gaṇeṣu ca //
puṣpeṣu gandhavatsūkṣmaḥ sugandhiḥ parameśvaraḥ /
puṣṭiś ca prakṛtiryasmāt puruṣasya dvijottama //
mahadādiviśeṣānta- vikalpasyāpi suvrata /
viṣṇoḥ pitāmahasyāpi munīnāṃ ca mahāmune //
indrasyāpi ca devānāṃ tasmādvai puṣṭivardhanaḥ /
taṃ devamamṛtaṃ rudraṃ karmaṇā tapasā tathā //
svādhyāyena ca yogena dhyānena ca yajāmahe /
satyenānena mukṣīyān mṛtyupāśād bhavaḥ svayam //
bandhamokṣakaro yasmād urvārukamiva prabhuḥ /
mṛtasaṃjīvano mantro mayā labdhastu śaṅkarāt //[52]

"**18-21a**. Nós adoramos o senhor, pai dos três mundos,[53] o senhor dos três deuses, três *guṇas*, três princípios, três fogos sagrados, dos três Vedas, de tudo o que se parte em três. Ele é o perfumado, o aumentador de nutrição em todos os seres vivos em todos os lugares: na *Prakṛti* que tem os três *guṇas*, nos órgãos dos sentidos e seus objetos, nos Devas e *Gaṇas*. O senhor fragrante é tão sutil quanto a fragrância nas flores.

21b-25. Ó brâmane excelente de ritos sagrados, ó grande sábio, porque *puṣṭi* (alimento) é o próprio nome do *Puruṣa*, ele é o aumentador de nutrição (*puṣṭivardhana*) de todas as criações divinas começando com *Mahat* e terminando com *Viśeṣa*, de Viṣṇu, de Brahmā, dos sábios, de Indra, e dos Devas. Por isso, nós adoramos aquele senhor Rudra nectáreo e imortal por meio de ações, por penitência, pelo estudo dos Vedas, por yoga e por meditação. Por essa verdade, o próprio Śiva nos libertará da escravidão da morte. O senhor é a causa da escravidão e da libertação como o pepino.[54] Esse Mantra que ressuscita a vida foi obtido por mim de Śiva"].

YO DEVĀNĀM

No decorrer da *pañcāvaraṇapūjā*, o Śivapurāṇa (6.8.33-34) prescreve, num só fôlego, a recitação de uma série de mantras, de *yo devānām* até *yo vedādau*. Nenhum desses mantras citado separadamente no Purāṇa, exceto o último.

A sequência inteira aparece, de forma idêntica, em TĀ 10.10.3 e MahāU 10.3-8 (## 223-234):

yo devānāṃ prathamaṃ purastād viśvā dhiyo rudro maharṣiḥ /
hiraṇyagarbhaṃ paśyata jāyamānaṃ sa no devaḥ śubhayā smṛtyā saṃyunaktu //
yasmāt paraṃ nāparam asti kiṃcid yasmān nāṇīyo na jyāyo'sti kaścit /
vṛkṣa iva stabdho divi tiṣṭhaty ekas tenedaṃ pūrṇaṃ puruṣena sarvam //
na karmaṇā na prajayā dhanena tyāgenaike amṛtatvam ānaśuḥ /
pareṇa nākaṃ nihitaṃ guhāyāṃ vibhrājate yad yatayo viśanti //
vedāntavijñānasuniścitārthās saṃnyāsayogād yatayaḥ śuddha-sattvāḥ /
te brahma-loke tu parānta-kāle parāmṛtāt parimucyanti sarve //
daharaṃ vipāpmaṃ paraveśmabhūtaṃ yat puṇḍarīkaṃ puramadhyasaṃstham /

---

[52] *[http://gretil.sub.uni-goettingen.de/gretil/1_sanskr/3_purana/lip_1_pu.htm]*
[53] [Compare com TS 1.8.6.2].
[54] ["Como um pepino da sua haste que eu possa me livrar da morte, não da imortalidade". – TS 1.8.6.2].

tatrāpi daharaṃ gaganaṃ viśokaṃ tasmin yad antas tad upāsitavyam //
yo vedādau svaraḥ prokto vedānte ca pratiṣṭhitaḥ /
tasya prakṛtilīnasya yaḥ paraḥ sa maheśvaraḥ //

YO VEDĀDAU SVARAḤ

Śiva é invocado com esse mantra no decorrer do quarto *āvaraṇa* (6.8.13). Ele é o último de uma sequência de mantras que começam com *yo devānām* (veja lista anterior).

> [*yo vedādau svaraḥ prokto vedānte ca pratiṣṭhitaḥ /*
> *tasya prakṛtilīnasya yaḥ paraḥ sa maheśvaraḥ //*
>
> Ele é o Senhor Supremo, que transcende a sílaba Om que é proferida no início da recitação dos Vedas, que está bem estabelecido nas Upaniṣads e que é dissolvido na causa primordial durante a contemplação][55].

VĀMADEVĀYA [ou VĀMADEVA]

Quinze *rudrākṣas* devem ser usados no estômago com esse mantra (1.25.41). Ele corresponde ao TĀ 10.44.1 e MahāU 17.2 (## 279-281). Para o texto, veja [o número dois n]a lista sob *sadyojāta*. [Isto é:

> *vāmadevāya namo jyeṣṭhāya namaḥ śreṣṭhāya*
> *namo rudrāya namaḥ kālāya namaḥ*
> *kalavikaraṇāya namo balāya namo*
> *balavikaraṇāya namo balapramathanāya namaḥ*
> *sarvabhūtadamanāya namo manonmanāya namaḥ*
>
> Eu me curvo ao Nobre, ao Mais Velho; ao Melhor, a Rudra e ao Tempo,
> Eu me curvo ao Incompreensível, à Força,
> Ao Causador de várias forças, e ao Aumentador de Força.
> Eu me curvo ao Dominador de todos os seres, e a Ele que acende a luz].

ŚATARUDRIYA

O Śatarudriya[56] é citado repetidamente no Śivapurāṇa.[57] O modo vêdico (*vaidiko vidhiḥ*) de instalar um *liṅga* de barro (1, Capítulo 20) utiliza vários mantras *śatarudriya*, aparentemente, de acordo com a Vājasaneyisaṃhitā (VS Capítulo 16), em vez de qualquer outro texto.[58] Segue a lista desses mantras na ordem em que aparecem na VS (com os versos do Śivapurāṇa 1, Capítulo 20 entre parênteses):

---

[55] [Tradução em inglês por Ananthanarayanan Vaidyanathan].
[56] O termo *śrutirudrasūkta* (também pode ser referir a isso; ele liberta alguém que insultou Śiva ou o utente da *tripuṇḍra*.
[57] 1.20.36; 1.20.54; 1.21.51; compare também com 2.1.14.68; 3.8.54-55; 4.12.36; 6.1.7; etc.
[58] Veja as três notas seguintes.

1. *namas te rudra* (v. 12)
2. *yā te rudra* (v. 16)
3. *yām iṣum* (v. 17)
5. *adhyavocat* (v. 17)
7. *asau yo* (v. 18)
8. *namo'stu nīlagrīvāya* (vv. 14, 19, 28)
11-14. *yā te hetiḥ* (v. 24)
15. *mā no mahāntam* (vv. 16, 33)
15-16. *id*. (v. 30)
16. *mā nas toke* (vv. 23, 30, 33)
26. *namaḥ senābhyaḥ* (v. 35)
27. *namaḥ takṣabhyaḥ* (v. 25)
28. *namaḥ śvabhyah* (v. 25)
29. *namaḥ kapardine* (v. 27)
31. *nama āśave* (vv. 27, 32)
32. *namo jyeṣṭhāya* (v. 28)
36. *namo dhṛṣṇave* (v. 23)
41. *namaḥ śambhavāya*[59] (v. 13)
42. *namaḥ pāryāya* (v. 26)
44. *namo vrajyāya*[60] (v. 29)
46. *namaḥ parṇāya* (v. 26)
48. *imā rudrāya*[61] (v. 29)
48-50. *id*. (v. 32)

No mesmo capítulo, esses mantras *śatarudriya*, no entanto, são intercalados com uma variedade de outros mantras. Além do mais comum *namaḥ śivāya* (v. 11) e *tryambaka* (vv. 19, 28, 34), por um lado, e *asau jīva* (v. 18), que é atestado apenas no Pāraskaragṛhyasūtra (1.18.3), e *namo gobhyaḥ* (v. 35), que parece não ser confirmado noutro local, por outro lado, todos esses mantras são tipicamente yajurvêdicos. Alguns deles aparecem no Ṛgveda – e, de fato, são introduzidos como *tṛcas* (vv. 21, 31) – todos aparecem na Vājasaneyisaṃhitā, a maior parte deles também na Taittirīyasaṃhitā e nas outras *saṃhitās* do Kṛṣṇayajurveda:

v. 11. *bhūr asi* (VS, TS, etc.)
v. 12 *āpo 'smān* (ṚV, AV, VS, TS, etc.)
v. 15 *etat te rudrāya* (VS e ŚB somente, *rudrāvasam*)
v. 20 *payaḥ pṛthivyām* (VS, TS, etc.)
dadhikrāvṇena (ṚV, VS, TS, etc.)
v. 21 *ghṛtaṃ ghṛtayava* (VS, TS, etc.)
madhuvātā, madhunaktam, madhumān no (*tṛca*: ṚV, VS, TS, etc.; também TĀ, MahāU)
v. 31 *hiraṇyagarbhaḥ* (*tṛca*: ṚV, VS, TS, etc.; também TĀ, MahāU)
v. 34 *yato yat* (VS apenas)
v. 37 *devā gātu* (AV, VS, TS, etc.)

[59] TS, KS, MS: *śambhave*.
[60] Só VS.
[61] Ausente da TS.

SADYOJĀTA[62]

Esse mantra é citado repetidamente no Śivapurāṇa, na maioria das vezes como *sadyādi*,[63] mas ocasionalmente como *pañcabrahma*.

A sequência [mantras (1) *sadyojāta*, (2) *vāmadeva*, (3) *aghora*, (4) *tatpuruṣa* e (5) *īśāna*] começando com *sadya* e terminando em OṂ (6.7.41: *omantam*) só aparece no TĀ 10.43-47 e na MahāU 17.1-5 (## 277-286):

sadyojātaṁ prapadyāmi sadyojātāya vai namo namaḥ /
bhave bhave nātibhave bhavasva māṃ bhavodbhavāya namaḥ // 1

[“Eu me refugio no Primogênito, realmente eu reverencio o Primogênito, não me entregue a nascimento após nascimento; guie-me para além do nascimento, eu me curvo ao Causador do nascimento”].

vāmadevāya namo jyeṣṭhāya namaḥ śreṣṭhāya namo rudrāya namaḥ kālāya namaḥ kalavikaraṇāya namo balāya namo balavikaraṇāya namo balapramathanāya namaḥ sarvabhūtadamanāya namo manonmanāya namaḥ // 2

aghorebhyo 'tha ghorebhyo aghoraghoretarebhyaḥ /
sarvataḥ śarvaḥ sarvebhyo namas te rudra rūpebhyaḥ // 3

tatpuruṣāya vidmahe mahādevāya dhīmahi /
tan no rudraḥ pracodayāt // 4

īśāna sarvavidyānāmīśvaraḥ sarvabhūtānāṁ brahmādipati brahmaṇo'dhipatir /
brahmā śivo me astu sa eva sadāśiva om // 5

Essa sequência de mantras é prescrita como o segundo caminho "vêdico" – para o primeiro, veja a lista sob *śatarudriya* – para instalar uma *liṅga* de barro (1.20.39-41). Compare com a mesma sequência, com uma inversão (1, 2, 4, 3, 5), em 2.1.11.49-51. Em uma ocasião, enquanto o *saṃnyāsi* aplica cinzas a várias partes do seu corpo, toda a sequência é citada em ordem contrária (6.4.23). O Śivapurāṇa também estabelece uma conexão entre esses cinco mantras e as partes componentes do OṂ: *a, u, m, bindu,* e *nāda* (6.3.26-29) e, em ordem inversa, com as cinco sílabas de *namaḥ śivāya* (7.2.12.9).

A Bhasmajābālopaniṣad, citada no início desse capítulo, refere-se ao *sadyojāta* como o primeiro dos *pañcabrahmamantras* (Capítulo 1: *sadyojātam ityādipañcabrahmamantrair bhasma saṃgṛhya*...); compare também com a Kālāgnirudropaniṣad. No Śivapurāṇa, o próprio Śiva é citado como *pañcamantratanu* (6.12.15) e *pañcabrahmatanu* (7.2.12.9).

HAṂSAMANTRA

O texto refere-se ocasionalmente ao haṃsamantra (6.6.52: *haṃsamantram anusmaran*) e prescreve, sem outras especificações, o *haṃsanyāsa* (6.6.77).

O haṃsamantra, que é conhecido do Ṛgveda (ṚV 4.40.5) em diante, aparece em numerosos textos posteriores:

[62] Sadyojāta é o primeiro *avatāra* de Śiva no décimo nono *kalpa* (*śvetalohita*) (3.1.4). Compare com 3.41.36.
[63] 1.11.13,16; veja também 1.18.26; 6.7.8,41; 6.10.8; etc.

haṃsaḥ śuciṣad vasur antarikṣasad dhotā vediṣad atithir duroṇasat /
nṛṣad varasad ṛtasad vyomasad abjā ghojā ṛtajā adrijā ṛtam (bṛhat) //

[“O Haṁsa que mora na luz, o Vasu no ar, o sacerdote ao lado do altar, na casa o convidado, morador do lugar mais nobre, em meio aos homens, na verdade, no céu, nascido da torrente, vacas, verdade, montanha, ele é a Lei Sagrada”. – Griffith]

[“Ele é Haṃsa, (o sol), que mora na luz; Vasu, (o vento), que mora no firmamento; o invocador dos deuses (Agni), que mora no altar; o convidado (do adorador), que mora na casa (como o fogo culinário); o morador entre os homens, (como consciência), o morador do mais excelente (orbe, o sol), o morador da verdade, o morador do céu (o ar), nascido nas águas, nos raios de luz, na verdade (da manifestação) na montanha (do leste), a (própria) verdade”. – Wilson; que observa: “Essa estrofe é conhecida como *Haṃsavatī Ṛc*, e ocorre duas vezes no [Śukla] Yajur, 10.24, e 12.14, bem como no Aitareya Brāhmaṇa, IV.20”. Veja as notas 4 e 8 da tradução em português do Ṛgveda 4].

Em contraste com a preeminência de e recurso constante aos mantras vêdicos, não podemos deixar de nos sentir perplexos, nesse Purāṇa *śaiva*, pelo papel muito secundário interpretado pelo Tantra em geral e pelos *bījamantras* tântricos em particular.

Sem dúvida, o texto se refere várias vezes ao *astramantra* (6.6.7; 6.7.9) e uma vez ao *astramantravinyāsa* também.[64] Em outros lugares, o mantra é descrito como *astrāya phaṭ* (6.6.50) ou *om astrāya phaṭ* (6.6.49).[65]

Além disso, no mesmo capítulo da Kailāśasaṁhitā, intitulado *saṃnyāsapaddhatau nyāsavidhiḥ*, há referências ocasionais aos mantras tântricos. O *nyāsa* deve ser realizado, recitando "*hrām*, etc." (6.6.10). Em outro estágio do *nyāsa*, o asceta "recita o *praṇava* primeiro, seguido por *hrīm, hrām, sa*" (6.6.24). Um mantra "que termina em *hrām, hrīm, hrūm*" é mencionado em conexão com o *nyāsa* dos membros (6.6.26). No entanto, os mantras principais envolvidos no *nyāsa* são OṂ e os cinco mantras, mencionados anteriormente, começando com *sadya* (6.6.63-75).

A única ocasião na qual *bījamantras* tântricos foram citados mais extensivamente diz respeito aos *rudrākṣas*. Diferentes mantras têm que ser recitados, dependendo do número de "faces" (*vaktra, mukha*) dos *rudrākṣas*, de um a catorze (após 1.25.81):

1. *oṃ hrīṃ namaḥ*
2. *oṃ namaḥ*
3. *klīṃ namaḥ*
4. *oṃ hrīṃ namaḥ*
5. *oṃ hrīṃ namaḥ*
6. *oṃ hrīṃ huṃ namaḥ*

[64] 2.5.58.26, sobre o Daitya Dundubhinirhrāda, que foi incapaz de atacar um brâmane meditando sobre Śiva. Há outras referências a armas utilizadas "com mantras", por exemplo, Kālī, em sua luta com Śaṅkhacūḍa: [“lançou o míssil Brahmā com a devida invocação através do mantra”] (2.5.38.9). Por sua vez, Śaṅkhacūḍa: [“disparou mísseis divinos na deusa com a devida invocação através dos mantras”] (11). Mais uma vez, Kālī: [“pegou furiosamente a seta Pāśupata santificada por mantras”] (16).
[65] Compare com VtU 2.2 e NpU 2.2 respectivamente.

7. *oṃ huṃ namaḥ*
8. *oṃ huṃ namaḥ*
9. *oṃ hrīṃ huṃ namaḥ*
10. *oṃ hrīṃ namaḥ*
11. *oṃ hrīṃ huṃ namaḥ*
12. *oṃ krauṃ kṣauṃ rauṃ namaḥ*
13. *oṃ hrīṃ namaḥ*
14. *oṃ namaḥ*

Os esforços para explicar a fonte, ou fontes, dos muitos mantras citados no Śivapurāṇa, nesse estágio, podem produzir apenas resultados experimentais e parciais. Como eu indiquei antes, uma restrição importante deriva do âmbito inevitavelmente limitado de *A Vedic Concordance* de Bloomfield (1906). Apesar de quase todos os "mantras vêdicos" encontrados no Purāṇa estarem listados lá, continua a ser possível que a fonte imediata na qual os compositores dessa versão do Śivapurāṇa confiavam não estivesse disponível para Bloomfield. Uma segunda restrição, de natureza muito diferente, deriva do fato de que vários dos *pratīkas* usados no Purāṇa são curtos demais para nos permitirem identificar com certeza absoluta os mantras que eles representam. Tais *pratīkas* incluem *agnir vai* (6.12.89), *atra pitaraḥ* (6.12.74), *eṣa te* (1.20.34), *devasya tvā* (1.20.31), etc.

Mantendo essas restrições em mente, é claro que não existe uma fonte única para os mantras no Śivapurāṇa. Eu indiquei anteriormente que vários dos mantras são explicitamente, mas não sempre corretamente, apresentados como *ṛcs* e que de alguns deles, como *ā vo rājānam*, o Ṛgveda pode de fato ter sido a fonte direta. Essa conclusão, no entanto, não é justificada na maioria dos casos, incluindo os mantras como *āpo hi ṣṭhā* ou *yasya kṣayāya* (1.13.22) e outros mantras citados antes; embora, basicamente, sejam de fato mantras rigvêdicos, eles também aparecem em muitas outras fontes potenciais.

Muito mais importante que o Ṛgveda é o Yajurveda. Os mantras *śatarudriya* como citados no Śivapurāṇa provaram estar em conformidade com as suas leituras na Vājasaneyisaṃhitā. Por outro lado, muitos mantras, incluindo alguns dos mais proeminentes ao longo do texto, são exclusivos da Taittirīyaśākhā em geral e seu Āraṇyaka em particular. Esse é o caso de *om āpo jyotiḥ* e *āpo vai* (6.4.21), bem como do *yo devānām, sadyojāta*, etc. mencionados anteriormente. Eu salientei que, tanto quanto *A Vedic Concordance* nos permite julgar, além do Taittirīyāraṇyaka, vários desses mantras aparecem apenas nas passagens correspondentes da Mahānārāyaṇa Upaniṣad; pois alguns deles, como o *skandagāyatrī*, a Mahānārāyaṇopaniṣad, de fato, é a única fonte conhecida. Esse fato, combinado com as referências explícitas no texto à Jābālopaniṣad e a possibilidade de que a Varadatāpanīyopaniṣad possa ter sido uma fonte para o mantra *gṇānāṃ tvā*, parece sugerir que algumas das Upaniṣads mais recentes podem ter sido uma das principais fontes das quais os compositores do Śivapurāṇa se valeram para o seu conhecimento dos "mantras vêdicos".

Understanding Mantras, Cap. 7.

Traduzido por Eleonora Meier em 2015.

ABREVIAÇÕES

AV	Atharvaveda
KS	Kāṭhaka Saṃhitā
MahāU	Mahānārāyaṇa Upaniṣad
MS	Maitrāyaṇīya Upaniṣad
NpU	Nṛsiṃhapūrvatāpanīya Upaniṣad
ṚV	Ṛigveda
ŚB	Śatapatha Brāhmaṇa
TĀ	Taittirīya Āraṇyaka
TS	Taittirīya Saṃhitā
VS	Vājasaneyi Saṃhitā
VtU	Varadapūrvatāpanīya Upaniṣad

← Início